



Aristides Vargas e Charo Francés - grupo de Teatro Malayerba. Teatro Pregones. Bronx, New York, NY. 26 de novembro de 2012. Imagem do espetáculo. Foto: **Elena Vargas**.

## TRADUÇÃO

### INSTRUÇÕES PARA ABRAÇAR O AR<sup>1</sup>

Texto

Arístides VARGAS<sup>2</sup>

Tradução

Diogo SPINELLI<sup>3</sup>

### PERSONAGENS

**ELA**, velha.

**ELE**, velho.

**COZINHEIRA**, mulher jovem.

**COZINHEIRO**, homem jovem.

**VIZINHA**, mulher madura.

**VIZINHO**, homem maduro.

Agosto de 2018  
Natal, Brasil.

1. A primeira montagem brasileira de *Instruções para abraçar o ar* estreou em dezembro de 2018 no Teatro do CEU Mestre Manoel Marinheiro, em Natal, sob direção de Diogo Spinelli.

2. Arístides Vargas é ator, professor, pesquisador, e um dos diretores e dramaturgos mais importantes da América Latina. Escreveu, entre outras, as peças: *Nuestra Señora de las Nubes*, *Jardin de Pulpos*, *La Edad de la Ciruela*, *Pluma*, *La Muchacha de los Libros Usados*, *Donde el viento hace buñuelos*, *Instrucciones Para Abraçar el Aire*.

3. Diogo Spinelli é ator e diretor teatral, integrante do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (Natal/RN) e cofundador do portal de críticas Farofa Crítica (Natal/RN).

*à Chicha Mariani*

*A ação da obra transcorre em três espaços: o espaço d'Ele e Ela, o espaço dos cozinheiros e o espaço dos vizinhos. A partir da cena 12, estes três espaços se fundirão em um, assim como as temporalidades.*

## 1.

**ELE**

Todos os dias nos levantamos ela e eu e nos contamos a mesma história.

**ELA**

Todas as manhãs nos levantamos ele e eu, no mesmo instante, nos sentamos na beirada da cama, nossas costas a um metro e meio de distância.

**ELE**

Porque nos amamos, todos os dias temos que nos contar a mesma história, ela e eu.

**ELA**

Para continuarmos nos amando, temos que nos contar a mesma história, ele e eu.

**ELE**

Mas nós a contamos de uma forma particular.

**ELA**

Sim. Não falamos, tomamos nosso café da manhã em silêncio, e de repente ele diz: “você se lembra?”, e eu não me lembro de nada, e a fatalidade diária de recordar algo impreciso, que muda de data, que define, faz com que eu me cale, e ele me diz: “você se lembra?”, e eu digo “vagamente, me lembro”. A essa altura, a única coisa real é o café que compartilhamos. E de repente ele diz: “vou indo”.

**ELE**

Vou indo.

**ELA**

Ele vai porque toca violoncelo na sinfônica.

**ELE**

É mentira, eu não toco em nenhuma sinfônica. Eu cultivo árvores quando os pássaros fogem, e cultivo pássaros quando as árvores caem... Que outra coisa pode fazer um homem que chora, e que ocupa tanto do seu tempo com essa atividade que já se esqueceu como se toca um violoncelo?

Vou indo. Volto à noite.

**ELE**

... ele me diz no batente da porta a ponto de ir.

**ELE**

Você se lembra da casa?

**ELA**

Você se lembra da casa?, ele me diz no batente da porta a ponto de ir.

**ELE**

Por que permanece calada?

**ELA**

Permaneço calada porque não sei a que casa ele se refere.

**ELE**

Você sabe que quando digo casa sempre é a mesma casa.

**ELA**

Não é assim.

**ELE**

Por que você diz isso?

**ELA**

Porque não é assim... Bom, é assim, mas poderia ser de outra maneira.

**ELE**

Estou no batente da porta, esperando que ela comece a história da casa. Não quero escutá-la, só lhe pergunto para organizar minhas próprias recordações. É uma estratégia: eu pergunto, ela fala, eu escuto... não com o afã de que me conte a história que eu sei, mas para organizar minha própria história.

**ELA**

O vejo esperar e me pergunto: quantas casas cabem na vida de uma pessoa? Quantas camas formam os sonhos de uma vida? Quantas cadeiras formam a espera de uma mulher como eu?

**ELE**

Observo como ela pensa, eu também penso, e nossos pensamentos cavam, cavam, e não encontram nada. Vou embora.

**ELA**

Então ele vai embora e ela fica sozinha, até a noite, quando ele chega e eles dormem e sonham que têm filhos e netos, e acordam sozinhos, agitados pela solidão que os rodeia;

então ele diz: “quer conversar?” e ela diz “sim”; e o que se segue é o silêncio cheio dessas coisas que só ele e eu escutamos. Ele se vai, e sempre ficam coisas a dizer.

## 2.

### COZINHEIRO

Bom, sempre ficam coisas a dizer, não? O que eles não sabem é que estão dizendo as coisas que ficaram a dizer. Ampliemos a imagem, façamos um plano geral: eles falam de uma casa, mas entre a casa de que falam e a casa em que moram há [quantidade de anos entre 1976 e o ano de apresentação da obra] anos de distância. Parece muito, mas na realidade não é nada, porque no momento em que digo [mesma quantidade de anos], tudo volta a ser agora. Caoticamente agora. Mas, façamos um plano geral... Não, não sou cineasta, sou cozinheiro.

### COZINHEIRA

Eu também sou cozinheira.

### COZINHEIRO

Sim, ela também é cozinheira.

### COZINHEIRA

Cozinha nacional.

### COZINHEIRO

Cozinha regional.

### COZINHEIRA

Não, cozinha nacional.

### COZINHEIRO

Bom, nacional, bem... Eu dizia a vocês que eu gosto de planos gerais. Por isso eu gosto de organizar superfícies com comida, entendem, uma paella é uma superfície, uma pizza é uma superfície, um guisado de cordeiro é uma superfície...

### COZINHEIRA

Por isso ele gosta dos planos gerais.

### COZINHEIRO

Como?

### COZINHEIRA

Que você gosta das coisas assim... não sei, de um modo que se veja tudo de uma vez, isso é um plano geral, não? Ou um prato geral?

**COZINHEIRO**

*(Pausa)* Sem comentários. Eu dizia a vocês que eu gosto dos planos gerais, por isso, me custa muito ver os filmes de Bergman até o final. Você sabe quem é Bergman?

**COZINHEIRA**

Não.

**COZINHEIRO**

Bergman era um tipo... um sueco, que enchia a tela de rostos doloridos. Aos dez minutos qualquer um implorava por um plano geral: “por favor, queremos ver a paisagem. Por favor, as campinas suecas! As ruas de Estocolmo, por favor!”, mas aos quinze minutos, esse mesmo qualquer se dava conta de que para Bergman a paisagem e os planos gerais eram os rostos doloridos de seus compatriotas. Era genial esse Bergman.

**COZINHEIRA**

E Batman?

**COZINHEIRO**

O quê?

**COZINHEIRA**

Batman. Você gosta do Batman?

**COZINHEIRO**

Olhe os meus sapatos ... *(a golpeia com um maço de cebolinha)*

**COZINHEIRA**

Não me bata com as cebolinhas!

**COZINHEIRO**

A próxima vez te bato com a cesta de verduras. Estamos falando de cinema de arte e você me sai com uma merda de filme.

**COZINHEIRA**

Sim, mas não me bata com as cebolinhas.

**COZINHEIRO**

Não me bata com as cebolinhas... idiota!

**COZINHEIRA**

Não fale assim comigo!

**COZINHEIRO**

Eu falo com você como eu quiser!

**COZINHEIRA**

Sim, mas não me bata com as cebolinhas...

**COZINHEIRO**

Eu sou um grande mestre de cozinha, um *master chef*, e você é uma auxiliar de cozinha, entendido? E as auxiliares de cozinha não tem que saber de cinema de arte... Você pergunta a uma auxiliar de cozinha quem é Kurosawa, e ela acha que se trata de uma moto... Onde estávamos?

**COZINHEIRA**

Nos pratos gerais.

**COZINHEIRO**

Eu falava que eu gosto dos planos gerais, e desde pequeno fui assim. Comia cuscuz com ovos<sup>4</sup> e ia para a escola. Cuscuz-escola: plano geral. Também contava quantas horas e quadras separavam a escola do cuscuz. Eu gosto que o cuscuz leve tempo para ser feito, pois nesse tempo, é possível imaginar coisas.

**COZINHEIRA**

Que lindo, desde menino ele gostava de cuscuz.

**COZINHEIRO**

Sim, e o que tem? Já crescido, namorei uma garota.

**COZINHEIRA**

Sim?

**COZINHEIRO**

Sim, e ela vivia a trinta quadras da minha casa.

**COZINHEIRA**

Alheia a garota, não?

**COZINHEIRO**

A procurei longe porque... Eu gosto dos planos gerais. Então, eu comia uma pratada de grão-de-bico com costela de porco e ia vê-la. Ela não gostava de mim, e eu não me importava, porque enquanto caminhava até sua casa, imaginava como era preparado o grão-de-bico com costela e também imaginava um montão de garotas que, essas sim, gostavam de mim. A conclusão é simples: se você namora alguém e essa pessoa não te quer, que ela viva longe o

---

4. Nesta cena, bem como em cenas subsequentes dos cozinheiros, são mencionados pratos típicos da culinária latino-americana que não são comumente conhecidos pelo público brasileiro. Assim, optamos por encontrar possíveis correlatos em nossa culinária (particularmente na culinária nordestina, uma vez que a obra originalmente foi apresentada em Natal) que pudessem substituir os pratos mencionados na obra original. [N.T.]

suficiente, pois assim você poderá povoar seu imaginário com garotas que te queiram e que você possuirá enquanto caminha trinta quadras.

**COZINHEIRA**

E você pensa no grão-de-bico com costela que você vai comer quando voltar.

**COZINHEIRO**

Exato! Você não sabe a quantidade de mulheres que cabem em trinta quadras.

**COZINHEIRA**

E a quantidade de grãos-de-bico. Que romântico...

**COZINHEIRO**

Que foi isso?

**COZINHEIRA**

Nada.

*Pausa.*

**COZINHEIRO**

Bem... Quantos coelhos temos para o dia de hoje?

**COZINHEIRA**

Trinta.

**COZINHEIRO**

Mãos à obra!

**COZINHEIRA**

Mãos à obra!

**3.**

**VIZINHA**

Escutou? Disseram: “mãos à obra!”.

**VIZINHO**

Como você consegue escutar uma conversa a trinta metros de distância?

**VIZINHA**

Você sabe muito bem que sou advogada e nós advogados temos o costume da leitura labial. E me dei conta de que os cozinheiros da casa da frente falam de uma forma esquisita.

**VIZINHO**

Como?

**VIZINHA**

Não sei, esquisita.

**VIZINHO**

É que a casa é esquisita.

**VIZINHA**

Sabe o que eu vi?

**VIZINHO**

Não.

**VIZINHA**

Debaixo do portão da garagem da casa da frente havia sangue.

**VIZINHO**

Um rio?

**VIZINHA**

Não, um fio, uma coisa fininha como um fio.

**VIZINHO**

Os coelhos mortos.

**VIZINHA**

Por quê? digo eu. Este assunto dos cozinheiros acontece a trinta metros da nossa casa, ou seja, a trinta passos de nosso lar está o inferno, um tipo de organização um tanto angustiante, não sei se o é para um inglês ou um alemão, mas para nós é bastante estressante e o é porque nós, vizinhos que pagamos impostos, que regamos o jardim com métodos ecológicos, que separamos o lixo orgânico do vidro, descobrimos um dia que em frente à nossa casa existe uma casa igual à casa na qual moramos, mas tão igual que temos a sensação filha da mãe de que a casa da frente é um reflexo, sim, um reflexo de nossa própria casa, de nossas próprias vidas, com vizinhos... Não sei, que fazem as mesmas ações, nas mesmas horas, intercaladas com frases como: “o tempo está feio, né?”. Então descobrimos que essa casa tão igual, não se parece um puto com a nossa, que os vizinhos se dedicam a uma atividade terrível, matam coelhos e fazem conservas com eles, um matadouro de abate ilegal no meio da paz caseira. Que filha-da-putice arruinar o *feng shui* dos teus vizinhos com um par de coelhos mortos. Acho que precisamos de detalhes. Voltemos a bisbilhotar para ver se nos organizamos.

4.

**ELE**

Às vezes penso que esses vizinhos pregados em suas janelas é que têm a culpa do que aconteceu. Às vezes penso que a história começa com os vizinhos, na casa dos vizinhos. Cada dia nos levantamos, ela e eu, e nos contamos a mesma história.

**ELA**

Para continuar nos amando, devemos contar a mesma história.

**ELE**

Ainda que nós não estejamos, a história continuará contando a si mesma. Encontrou a menina?

**ELA**

Não.

**ELE**

Onde a procurou?

**ELA**

A procurei em um caderno no qual uma vez guardei uma folha que encontrei num beco em San Rafael.

**ELE**

E não estava aí?

**ELA**

Estava o pó da folha, mas a menina não estava.

**ELE**

E onde mais a procurou?

**ELA**

A procurei na caixa de botões, mas tampouco estava, entre as agulhas de costura, na caixa de biscoitos e ela não estava, então te pergunto: “é velho esse buscar?”.

**ELE**

Tão velho como nós, te respondo.

*Fazem silêncio.*

**ELE**

Tomou o café da manhã?

**ELA**

Só o necessário.

**ELE**

Se vestiu?

**ELA**

Só para cobrir minha nudez.

**ELE**

Tomou banho?

**ELA**

Sem muita vontade.

**ELE**

Olhou os pássaros essa manhã?

**ELA**

Só para ver como se agarram ao vazio.

*Pausa.*

**ELE**

Dá a sua mão.

**ELA**

O quê?

**ELE**

Me dá a sua mão...

*Pausa*

**ELA**

Então sinto que alguém que vem do passado se instala entre sua palma e a minha.

**ELE**

Assim é melhor.

**ELA**

Assim é melhor.

*Pausa*

**ELE**

Quer o abraço do remador?

**ELA**

Bem...

*Se abraçam*

**ELE**

Quer o abraço da árvore?

**ELA**

Bem...

*Se abraçam*

**ELE**

Quer o abraço da chuva?

**ELA**

Bem...

*Se abraçam*

**ELA**

Quer o abraço do ar?

**ELE**

Bem...

*Ele espera que ela o abrace, mas Ela só o olha.*

**ELA**

Outro dia te dou...

**ELE**

No que está pensando? Te pergunto por perguntar, porque sei o que está pensando.

**ELA**

Penso que quando encontrar a menina, vou lhe contar que seus avós sabem se abraçar como a chuva, como as árvores, como a brisa, como dois remadores que remam solitários até o Oeste. Às vezes, penso que a história começa na casa dos cozinheiros.

5.

**COZINHEIRO**

Claro que começa aqui. Nossa história começa aqui.

**COZINHEIRA**

Porque a dos outros começa em outro lugar, não?

**COZINHEIRO**

Mãos à obra!

**COZINHEIRA**

Mãos à obra!

**COZINHEIRO**

Anda, mata um coelho e me traga.

**COZINHEIRA**

Eu não mato coelhos.

**COZINHEIRO**

Mas você é uma pessoa violenta ou não?

**COZINHEIRA**

Sim, mas não mato coelhos.

**COZINHEIRO**

Como?

**COZINHEIRA**

Não mato coelhos.

**COZINHEIRO**

Você quer que eu informe aos mestres superiores que você não quer matar coelhos?

**COZINHEIRA**

Mas é que os coelhos me fazem dar pra trás... Quando era menina eu tinha um coelho chamado Trotsky e nós o comemos um dia no almoço. Meu pai era um comunista ortodoxo, e um domingo disse: “Venha, que hoje comeremos a Trotsky?”. Além do mais, quando vejo um coelho eu me lembro de Lewis Carroll, e não quero matar Lewis Carroll, e muito menos metê-lo em um frasco.

**COZINHEIRO**

Já se vê que você é estúpida. A de Lewis Carroll era uma lebre, animal.

**COZINHEIRA**

É o mesmo!

**COZINHEIRO**

Não é o mesmo!

**COZINHEIRA**

Mas olhe para a cara de uma lebre e olhe para a cara de um coelho... Por que não falam “você comprou coelho por lebre”, hein? Hein? Hein? Porque são iguais. Por isso dizem “você comprou gato por lebre”, porque aí não são iguais, entendeu?

**COZINHEIRO**

Cada vez que te escuto me convenço que é mais fácil encontrar gente que tenha chapéus em suas cabeças do que gente que tenha inteligência em suas cabeças. Me passe os alhos, que vou fazer um pesto.

**COZINHEIRA**

Dizia o meu avô que não há nada que um bom sopapo não possa curar... aqui estão os alhos.

**COZINHEIRO**

Cada vez que escuto você falar do teu avô me convenço de que é melhor ter um cata-ventos na cabeça do que ter um pensamento inteligente. Me passe o manjericão.

**COZINHEIRA**

Homem, o cata-ventos te indica a direção do vento... Aqui está o mannnnnjjjjjjeeeeeeiricão, e o digo assim porque é árabe, viu só como eu sei? Kibe árabe, esfiha árabe, babaganuche árabe...

**COZINHEIRO**

Silêncio...! (*pausa*) Ouviu algo?

**COZINHEIRA**

Não...

*Pausa*

**COZINHEIRO**

Deve ser o vento sobre o limoeiro nos fundos da casa. Nos fundos da casa tem um limoeiro e às vezes o vento o balança daqui pra lá, daqui pra lá...

**COZINHEIRA**

A propósito, em que lugar estamos?

**COZINHEIRO**

Não sei. Os oficiais de cozinha me trouxeram com os olhos vendados, os ouvidos tapados, a boca fechada e o rabo franzido, ou seja, todos os meus orifícios estavam perfeitamente fechados.

**COZINHEIRA**

Eu, por outro lado, vim por meus próprios meios. Disse: vou, desde que seja por meus próprios meios. Então os colegas me colocaram uma venda e me deram um bastão e assim eu vim, às escuras.

**COZINHEIRO**

Uma experiência.

**COZINHEIRA**

Sim, uma experiência... Quebrei os tornozelos de uma mulher e parti a cabeça de um ancião, mas eles não me fizeram nada, claro, porque não é decente bater em uma cega.

**COZINHEIRO**

Ser cega tem suas vantagens.

**COZINHEIRA**

Sim. Saber que a escuridão exterior não é o mesmo que a escuridão interior.

**COZINHEIRO**

Uma auxiliar de cozinha filósofa! Gostei.

**COZINHEIRA**

Viu só como eu sei?

**COZINHEIRO**

Mãos à obra!

**COZINHEIRA**

Sim, mãos à obra!

**COZINHEIRO**

O primeiro a fazer é conseguir adeptos.

**COZINHEIRA**

Conseguir coelhos.

**COZINHEIRO**

Não, adeptos. Nosso produto precisa de adesões.

**COZINHEIRA**

Mas se o que vamos fazer são coelhos em conserva...

**COZINHEIRO**

Por isso mesmo.

**COZINHEIRA**

Como?

**COZINHEIRO**

Que precisamos de adeptos aos coelhos em conserva.

**COZINHEIRA**

Cada vez te entendo menos.

**COZINHEIRO**

Você é uma auxiliar de cozinha e não tem nada que entender. Além do que, você tem que ser otimista.

**COZINHEIRA**

E é?

**COZINHEIRO**

Se você se põe a preparar coelhos em conserva e pensa que vão ficar bons, eles ficam bons, do contrário eles ficam ruins, simples assim. É uma questão de atitude.

**COZINHEIRA**

Precisamos de um livro de autoajuda.

**COZINHEIRO**

Não, de autoengano.

**COZINHEIRA**

Como é?

**COZINHEIRO**

O princípio do otimismo é um princípio de autoengano. Se você se olha todos os dias no espelho e repete “sou a melhor... eu sou a melhor, sou a melhor”... Acaba sendo a melhor. Do contrário, você é a pior, simples assim.

**COZINHEIRA**

Estou pensando que sou a melhor, estou pensando que sou a melhor, estou pensando que sou a melhor... e zás! Sou a melhor.

**COZINHEIRO**

Assim não, tem que ter método. Segundo as pesquisas, a maioria dos cozinheiros deste país se considera melhor que seus colegas, mas é só um desejo, e somente o desejo não os fazem os melhores.

**COZINHEIRA**

Mas antes você disse o contrário.

**COZINHEIRO**

Você entendeu o contrário.

**COZINHEIRA**

Eu entendi o que você disse.

**COZINHEIRO**

Podemos colocar de outra maneira?

**COZINHEIRA**

Pois não.

**COZINHEIRO**

O cozinheiro Farias foi cozido a tiros, na madrugada, quando saía do restaurante no qual estava isolado porque o considerávamos o melhor, e sempre matam o melhor. Por isso não se deve ser o melhor, ou melhor, deve-se ser o melhor, mas dissimular. Se te perguntam “Você é a melhor?”, o que você diz?

**COZINHEIRA**

Sim...

**COZINHEIRO**

Não!!!

**COZINHEIRA**

Não!!! Sou a pior... sou terrível... sou uma merda... uma grande merda... uma porcária emporcalhada de merda...

**COZINHEIRO**

Não exagere... Quando mataram o cozinheiro Farias, nos reunimos todos os colegas e dissemos: “são uns assassinos filhos da puta”, porque é verdade que são. Nos consolávamos uns aos outros. À esposa do cozinheiro Farias dissemos que o mesmo havia acontecido a outros cozinheiros, que a fim e ao cabo essas coisas acontecem neste ofício, e que a culpa sempre é dos outros, porque nós somos melhores que eles e por isso podemos caminhar sem medo... Mas cá entre nós, considerar que nós podemos caminhar sem medo porque somos os melhores, é uma consideração feliz, porque o cozinheiro Farias sabia que não podia sair porque sua razão lhe dizia “Não saia! Não saia que podem te matar!”. Sua consciência lhe gritava “Não saia...!”, mas considerar que a razão e a consciência são os que nos distinguem dos outros animais é uma consideração otimista: os “animais” podem impor sua razão pela força e pelo instinto.

Me passe esses coelhos mortos que vou metê-los em um frasco.

**COZINHEIRA**

Quem te deu a receita de coelhos em conserva?

**COZINHEIRO**

A mãe de um cozinheiro amigo.

**COZINHEIRA**

Uma história triste a do Farias.

**COZINHEIRO**

Para que não aconteça o mesmo conosco, não devemos sair e nem saber em que lugar estamos.

**COZINHEIRA**

Para poder inventar o lugar em que estamos.

**COZINHEIRO**

Inventemos! Mãos à obra! Onde estamos?

**COZINHEIRA**

Mãos à obra: estamos em uma casa.

**COZINHEIRO**

E nessa casa há três quartos e uma cozinha.

E uma moça fritando milanesas.

E sobre a mesa, um coelho morto,

Sem patas nem orelhas.

**COZINHEIRA**

A leste, em frente...

Uma porta, uma janela e um portão.

Um coelho no frasco com pimenta e com limão.

**COZINHEIRO**

No pátio três tílias e um limoeiro,

Que não sabe que é limoeiro já que limões não dá.

Um coelho no frasco e outro por salgar.

**COZINHEIRA**

Ao lado, uma galeria.

E alguns corredores tortos.

Na galeria uma mesa,

Com trinta coelhos mortos.

**COZINHEIRO**

E a menina?

**COZINHEIRA**

Na sala!

**COZINHEIRO**

Na cozinha!

**COZINHEIRA**

Na janela!

**COZINHEIRO**

No limoeiro!

**COZINHEIRA**

No ar...!

**COZINHEIRO**

Inspiremos!

**COZINHEIRA**

Inspiremos!

## 6.

**VIZINHA**

Ouviu o que eles disseram? Eles disseram “inspiremos”. São uns drogadinhos.

**VIZINHO**

Tem gente que inspira outras pessoa e nem por isso é drogadinha.

**VIZINHA**

Por que nós temos que ter vizinhos como esses? Vejamos: um tipo como eu, se casa com uma tipa como você, e formam uma instituição matrimonial que somos nós, me acompanha? Um matrimônio desses que costumam dizer “pobrezinhos desses meninos”, quando veem uns meninos pobrezinhos. Um matrimônio desses que voltam às suas casas por ruas iluminadas, é importante esse detalhe das ruas iluminadas... Quer ir embora? Digo isso porque pra mim dá no mesmo, se você quiser ir embora, eu falo sozinho, não me importo... Pode me escutar de lá de fora, não me importo.<sup>5</sup>

---

5. Neste trecho, na obra original, a Vizinha se refere a si mesma no gênero masculino e ao Vizinho no gênero feminino. Mantive esse mesmo jogo na tradução, apesar dessa inversão não ocorrer de forma regular no decorrer da obra. [N.T.]

Um matrimônio desses que compram uma casa num bairro como este, que não é pobre nem rico, nem escuro nem iluminado, como quem diz: um bairro neutro, um bairro... não sei, no qual todos exclamamos mais ou menos o mesmo quando vemos uns meninos pobrezinhos... pobrezinhos? Só quando estão em nosso contexto, porque quando estão no contexto deles, eles não duvidariam em atirar pedrinhas em nossos para-brisas: pin, pin, pin... e nós não duvidaríamos em gritar “Negros de merda!!!”, e sabe por quê? Porque me sinto inseguro nesses contextos de meninos pobrezinhos e quando estou inseguro fico insultante.

**VIZINHO**

E se são felizes?

**VIZINHA**

Felizes...? Deixe eu terminar o pensamento. Os tipos vêm morar num bairro como este, em quarteirões como estes, cem metros por cem metros, eu os medi, hein?, eu os medi, cem metros por cem metros; com artérias com um fluxo veicular com uma média aproximada de cem automóveis por hora, e um espaço para ciclistas, e outro mais significativo para pedestres que podem ir e vir em grupos de dez em ambas as direções sem chocar-se, como uma coreografia ensaiada diariamente por uma mesma pressa, uma mesma indiferença que faz com que não nos atrapalhemos e que nos organizemos em nossa idêntica angústia por chegar a tempo.

**VIZINHO**

Onde?

**VIZINHA**

Onde? Deixe eu terminar o pensamento. A isto temos que somar os espaços públicos nos quais nossos idosos se tornam amigos entre eles, jogam jogos de azar, paciência etc. Fazem exercícios aeróbicos e danças típicas; é bom que nossos idosos façam essas coisas porque isso os motiva a comprarem roupas esportivas e é bom, a uma certa idade, ter uma motivação desse tipo.

**VIZINHO**

Olhe, ali estão os cozinheiros!

**VIZINHA**

O que trazem nas mãos?

**VIZINHO**

Os coelhos mortos.

## 7.

**ELE**

Não, a história não começa na casa dos vizinhos, nem começa na casa dos cozinheiros, a história começa com uma receita de coelhos em conserva...

**ELA**

Que eu dei ao nosso filho. Naquele momento não sabíamos como isso ia terminar, mas depois soubemos.

**ELE**

Sempre temos que contar a história de um lugar que não sabemos onde fica.

**ELA**

Sempre nos contamos a mesma história, ele e eu.

**ELE**

Porque nos amamos, sempre a contamos de uma mesma forma.

**ELA**

Silêncio. É uma história sem sons, uma história silenciosa contada dessa mesma forma.

**ELE**

Já vai?

**ELA**

Você também já vai, lhe respondo, ainda que não me tenha perguntado isso.

**ELE**

Eu vou porque a dor que sinto por ela não me deixa fazer nada por ela.

**ELA**

Não, você vai porque tem que ensaiar.

**ELE**

Eu não ensaio. Eu corto fatias de tristeza, assim, assim, com um arco de violoncelo, assim, assim.

**ELA**

Não, você vai voltar a noite. É verdade que vai voltar?

**ELE**

Não vou voltar, já não volto, não volto, não volto... por mais que repita essas palavras, não consigo aprendê-las.

Ela não me escuta.

**ELA**

O que acontece é que não quero escutá-lo dizendo que não vai voltar.

**ELE**

Volta aquela chuva?

**ELA**

Não.

**ELE**

Volta aquele barro com o qual você fez uma caneca para colocar o café que tomamos aquela tarde?

**ELA**

Não.

**ELE**

Volta a rua infantil na qual o resto do que somos passa em uma pequena bicicleta?

**ELA**

Não!

**ELE**

Volta o resto do que somos em forma de sapato, de boneca dilacerada? Voltará o resto do que somos em forma de filho, em forma de neta, em forma de filha? Será o resto do que somos matéria que se poderá abraçar, esquecer, enterrar? Ou serão para sempre ar? Ar que se respira para não esquecer que nesse lugar o ar está cheio de mortos.

**ELA**

Não posso dizer nada, porque o que ele acaba de dizer nunca havia dito, e se houvesse dito, teria chorado.

*Pausa.*

**ELE**

Você tem medo?

**ELA**

Medo? Não.

8.

**COZINHEIRO**

Você tem medo?

**COZINHEIRA**

Sim, mas inventei uma história descomunal na qual eu triunfo.

**COZINHEIRO**

Você tem medo?

**COZINHEIRA**

Sim, mas corto cebola e dissimulo.

**COZINHEIRO**

Matemos coelhos. A mãe do cozinheiro Farias disse que se tivéssemos medo, deveríamos matar coelhos e fazê-los em conserva.

**COZINHEIRA**

Para fazer coelhos em conserva é necessário um litro de óleo e um litro de coelho.

**COZINHEIRO**

Você é tonta ou o quê?

**COZINHEIRA**

Não fale assim comigo.

**COZINHEIRO**

Mas você não percebe que os coelhos não são líquidos?

**COZINHEIRA**

É mesmo?

**COZINHEIRO**

Os coelhos são sólidos, imbecil.

**COZINHEIRA**

Sólido, sólido. Como você é um animal. Para que você saiba: noventa por cento do coelho é líquido. O que acontece é que você também está se cagando de medo e quer matar coelhos para que as pessoas digam: “Ui, que valente que ele é, os coelhos retrocedem quando o veem chegar!”, mas no fundo você e eu sabemos que os coelhos em conserva são uma estratégia para ocultar o medo profundo que temos.

**COZINHEIRO**

Agora não quero discutir com você. Estou sem vontade de brigar, entende?

**COZINHEIRA**

Não, não entendo, mas não importa. Falemos de política.

**COZINHEIRO**

O que te faz supor que falar de política não vai nos levar a uma discussão interminável entre eu e você?

**COZINHEIRA**

Porque eu e você pensamos o mesmo.

**COZINHEIRO**

E o que pensamos eu e você, pode-se saber?

**COZINHEIRA**

Não sei... o que pensam os oficiais de cozinha. As receitas são eles que fazem, não?

**COZINHEIRO**

Sim, e estou farto disso. Por que não podemos criar nossas próprias receitas? E se a mim me ocorre o desejo de fazer uma cozinha autoral? E em vez de colocar vinagre no coelho em conserva, coloco farinha, hein?

**COZINHEIRA**

Homem... Já não seria coelho em conserva, seria coelho em-farinhado. *(ri às gargalhadas)*

**COZINHEIRO**

Essa risada me parece bastante cínica.

**COZINHEIRA**

Não, o que acontece é...

**COZINHEIRO**

Por acaso essa risada questiona meus conhecimentos na arte culinária? Por acaso essa risada questiona a hierarquia de um criador como eu? Agora mesmo vou te fazer um teste culinário.

**COZINHEIRA**

Não, você é o *master chef*, eu sou uma cozinheira iniciante.

**COZINHEIRO**

Diga-me: Pato à laranja...

**COZINHEIRA**

Pato à laranja.

**COZINHEIRO**

Não. Pato à larannnnnnnnja...

**COZINHEIRA**

Pato à larannnnnnnnja...

**COZINHEIRO**

Não. Estou tentando te perguntar o que leva esse prato.

**COZINHEIRA**

Ah! Laranja... leva laranja.

**COZINHEIRO**

E o que mais?

**COZINHEIRA**

Não sei... Salsa..., louro....

**COZINHEIRO**

E o que mais?

**COZINHEIRA**

Azeite de oliva...

**COZINHEIRO**

E o que mais?

**COZINHEIRA**

Não sei o que leva o pato à laranja!

**COZINHEIRO**

Pato... pato... o pato à laranja leva pato. O pato é o elemento fundamental do prato. Se não há pato, não há prato.

**COZINHEIRA**

Claro, só ficaria laranja, ou à laranja, mas o que é à laranja? É como dizer ao limão, não?

**COZINHEIRO**

Não.

**COZINHEIRA**

Está bem: não! (*murmurando*) Mas eu gosto dos pratos que levam dois elementos fundamentais.

**COZINHEIRO**

O que você está murmurando?

**COZINHEIRA**

Nada... que... eu gosto dos pratos quando levam dois elementos fundamentais, não sei... me parece que... tudo flui quando há dois elementos fundamentais, não?

**COZINHEIRO**

Não sei o que você está querendo dizer mas isso não soa nada culinário.

**COZINHEIRA**

Bem, culinário, culinário... É sim, porque quando você mistura o pato com a laranja... compreende... é tudo muito culinário, não?

**COZINHEIRO**

Não, não te entendo.

**COZINHEIRA**

Te explico. Primeiro coloca-se música suave; aproxima-se os dois elementos, mas ainda sem os misturar. Eles têm que se amassar antes, compreende? Bem, não importa, toca o telefone e você: “Alô, estou com alguém que me faz lembrar de você... desculpe, ‘quem é?’”, e você desliga. Depois disso, você rega os elementos com vinho, adiciona sal a gosto, e uma das cartas que Gramsci escreveu à sua irmã; se um dos elementos resiste, coloque vinagre para abrandá-lo e lhe fale ao ouvido: atrás de um grande pato sempre haverá uma laranja exprimida e deprimida. Depois disso, adicione farinha, salsa picada, fermento em pó, uma folha do manifesto comunista que esteja do mesmo modo, ou seja, feito pó, um pouquinho de suco de Lenin, gire o elemento e quando encontrá-lo na fonte finja desconhecê-lo: desculpe, seu limão me parece pouco familiar... Você gostaria de um encontro às escuras? Depois disso, arranque os olhos dele para que seja realmente às escuras, coloque-os ao forno, deixe-os por vinte minutos e coma-os quentes. E adeus pato, adeus laranja, adeus hierarquia culinária, adeus solidez dos coelhos e adeus medo.

**9.**

**VIZINHA**

Viu só o que eles estão fazendo? Por quê?, eu me pergunto. Por que esse desejo de caotizar tudo? Esses tipos são um perigo, mas olhá-los... Que tipo de orgia fazem esses tipos? E o terrível é que há uma menina.

**VIZINHO**

Duas.

**VIZINHA**

Pode haver três ou quatro, que dá na mesma. Ou não? Eu não sou um idiota, posso parecer um idiota, fazer coisas idiotas, me comportar como um idiota, mas não sou um idiota (*pausa*). O que acabei de dizer soou bastante idiota.

**VIZINHO**

Não fique obcecada com isso.

**VIZINHA**

Tenho cara de hipoteca?

**VIZINHO**

Não fique obcecada com isso.

**VIZINHA**

Um dos cozinheiros me disse que eu tinha cara de hipoteca. Não sei o que ele quis dizer, mas soa horrendo no meu contexto.

**VIZINHO**

Você não deveria olhar tanto pela janela.

**VIZINHA**

Eu te conto minhas angústias com uns vizinhos que impuseram o medo na comunidade, com um estilo que inspira desconfiança e você sabe disso, e você vem me falar que eu não deveria olhar pela janela. Você sabe muito bem que sou advogada e os advogados temos o costume de olhar pelas janelas e ler os lábios.

**VIZINHO**

Não é correto olhar pelas janelas.

**VIZINHA**

Por que você me fala isso? Como eu vou saber que ali tem uma menina, ou duas, ou três, se não olho pela janela? Por que há meninas, não sei se você sabia. E onde brincam as meninas? Entre coelhos mortos. Por que não as levam a um parque? Na cidade temos uns parques que são o orgulho dos moradores e dos turistas. Ou então ao zoológico, para que vejam os macacos, que é como ir visitar uns parentes próximos. Ainda que os macacos também me causem temor... são tão parecidos conosco.

**VIZINHO**

Por isso os cozinheiros não me parecem tão estranhos.

**VIZINHA**

Estão construindo um muro, e do muro escorre tinta.

**VIZINHO**

Não fique obcecada com isso.

**VIZINHA**

Você sabe o que isso significa, não sabe?

**VIZINHO**

Não, e não estão construindo um muro.

**VIZINHA**

E esses tijolos, e esse cimento, e essa cal?

**VIZINHO**

Como eu vou saber? Devem estar reformando o banheiro.

**VIZINHA**

É para o muro do fundo, de onde escorre tinta. Sabe porque escorre tinta? Sabe o que existe por detrás desse muro?

**VIZINHO**

Não é bom olhar pelas janelas.

**VIZINHA**

Te pergunto porque escorre tinta e você me sai com essa de que não devo olhar pela janela. Se eu não olho pela janela, como vou saber que esses tipos que vivem em frente trazem materiais que se perdem nos fundos da casa, que entram pessoas que se perdem no fundo da casa, que as meninas, que às vezes são duas, às vezes é uma, às vezes são três, emergem e submergem com limoeiros e tílias no fundo da casa e que desse fundo, atrás do muro que escorre tinta, de madrugada, quando a vizinhança dorme, uma caminhonete sai aterrorizada? Ou sou idiota, ou a casa é infinita. *(pausa)*.

Temos que entrar na casa.

**VIZINHO**

Não...! *(pausa)* Eles estão brigando?

## 10.

**ELE**

Sempre nos contamos a mesma história, ela e eu, até que um dia eu me levanto e lhe digo que vou até um país longínquo, mas que a noite volto. Ela não me escuta, acredita que eu toco violoncelo na sinfônica. Eu não lhe digo nada, porque sempre vamos a um mesmo lugar ela e eu, mas por caminhos diferentes.

**ELE**

Sempre nos contamos a mesma história ele e eu, até que um dia eu me levanto, me penteio somente o necessário e decido ir à casa dos coelhos em conserva. Me coloco de pé, me sento. Não estou decidida. Volto a colocar-me de pé, caminho. Confesso que uma vez coloquei um

revólver na minha têmpora e gritei a mim mesma: “Renda-se ou te mato!”, e me respondi: “Não me rendo um caralho...!”.

Abro a porta que dá para a rua. A luz do dia já não me cega como antes... meus olhos mal veem as coisas deste mundo, mal veem a torneira que pinga, mal veem a lâ que tecem as horas, mal veem as borboletas da minha juventude. Me dou conta de que comecei a perder a vista. Meus olhos já não enumeram, mas meu coração segue palpitando.

Estou na vereda, sinto a grata sensação de estar desorientada. Viro à esquerda, logo depois à direita, até a casa dos coelhos em conserva. Com muita dificuldade leio um cartaz: “Cura-se mal de olhos, empecilhos e espantos”. Entro, escolho um entre meus piores espantos e o coloco sobre o mostrador: “cure-o”, digo à curandeira, e ela se põe a chorar; chora tanto que as lágrimas formam um rio que chega até a minha cintura, mas, pobrezinha de mim, meu espanto passa nadando, meu espanto sabe nadar. Caminho três quarteirões, enfatizo a respiração para saber que sou quem eu sou e estou respirando, me detenho, olho para o céu e em minha cegueira vejo estrelas, o que é estranho, porque é de dia.

Quando era menina, meu pai me contou um conto: existia um povoado cheio de gente velha, tão velha que haviam se esquecido de tudo, e eram velhos tão velhos porque haviam se esquecido de morrer. Queriam morrer, mas não sabiam como. Se algum deles subitamente se recordava de algo, morria, mas como morria, não podia contar como era o procedimento. Não era um povoado feliz. Era um povoado triste porque haviam se esquecido de que a única maneira de morrer é recordar como se morre. Meu pai era polaco. Eu não, eu sou daqui. Mas o que é aqui? Dor? Espantos que sabem nadar? O que é esse aqui, de onde eu sou? Primeira geração daqui, inteiramente dessa dor espantosa.

Cruzo a praça em diagonal. Sei que é a praça porque o cheiro do lixo é substituído pelo cheiro de mato. Respiração, respiração, perceber o mundo pelo nariz. Na medida que me aproximo da casa posso distinguir as coisas deste mundo com uma luz especial, perco a cegueira e alcanço a claridade. Os sinos da igreja dizem: Deus, Deus, Deus... Me lembro de um monsenhor violeta que me disse: “Não procure, senhora, já não há meninas no mundo, já não há...”.

#### ELE

Todos os dias nos levantamos ela e eu, até que um dia eu me levanto e lhe pergunto “Onde você vai?”. “À casa dos coelhos em conserva”, me responde. “Isso está longe”, lhe digo. “A muitos anos de distância”, me diz. “Eu também vou, às vezes”, eu comento. “Sim, mas por diferentes caminhos”, sentencia. A essa altura penso que a vida seria extraordinária se a morte não nos enlouquecesse antes de levar-nos. *(ele se aproxima dela)* Me dá sua mão.

#### ELA

O quê?

**ELE**

Me dá sua mão. Assim é melhor.

*Pausa.*

**ELA**

Então sinto que, por fim, ele e eu chegamos ao mesmo lugar, de mãos dadas, cada um com sua própria ausência.

*Dão dois passos, dois passos para atravessar os anos e a distância que os separam da casa onde sua neta desapareceu.*

## 11.

**ELA**

Parada em frente à casa, na periferia dos anos violentos, às costas da lembrança, a casa me olha com seus olhos sombrios, um olhar que sempre foi assim, sombrio e amável como uma pessoa que emigrou de um país a outro, de uma idade a outra. Meu olhar se aclara porque estou em frente à casa da menina do limoeiro, das tílias mortas, da moça das milanesas, dos cozinheiros que nunca vi e dos coelhos mortos, do cheiro de tinta que vem do muro dos fundos. Dou um passo, estou dentro, dou um passo e estou no pátio, dou um passo e estou embaixo do limoeiro onde estava a menina, brincando... “Renda-se ou te mato: não me rendo um caralho!”.

**ELE**

Parado frente à casa, na periferia dos anos violentos... a casa me olha como olham os animaizinhos que serão sacrificados, como olham as meninas que sabem que viverão no ar, como olham os cozinheiros que sabem que morrerão jovens, as moças que morriam fritando milanesas para sempre. A casa imaginava um mundo diferente porque a alma dos que ali estavam assim o imaginavam. Imaginavam a alma de meu filho, a alma de minha nora, a alma de minha neta que sem o saber também o imaginava. O imaginavam as almas dos cozinheiros que ali estavam e ali cozinhavam uma realidade diferente...

Sempre digo que vou a um país longínquo e sempre chego a esta rua e a esta casa.

Envelhecerei nela e morrerei nela ainda que morra em outra parte.

E meu coração sempre no batente da porta desta morada.

Preso na triste devastação da minha família.

O que eu procuro?

Ítaca, compaixão, e esquecimento.

**12.****COZINHEIRO**

O que foi isso?

**COZINHEIRA**

Um tiro!

**COZINHEIRO**

O que faz aquela velha cega embaixo do limoeiro cego? Não pode ser, a esta casa não se pode chegar e ninguém pode chegar porque ninguém sabe como chegar. Nós tampouco sabemos como chegar e menos ainda como sair (para se fazer milanesas é preciso ter carne, pão ralado, ovo batido e farinha). O que foi isso?

**COZINHEIRA**

Outro tiro!

**COZINHEIRO**

Fujamos para lá! Não... Fujamos para lá! Não, não, não... sempre estamos a ponto de ir para algum lado e nunca terminamos de ir a nenhum lado; não sei, me parece bastante estúpida a sequência que acabo de fazer: “Fujamos para lá! Não...”. Sabe o que eu acho? Que nós deveríamos nos acostumar com a ideia de que vamos ser assassinados. Não se assuste. Se aconteceu com o Farias, por que não pode acontecer com a gente?

**COZINHEIRA**

Quem trouxe aqui a avó da menina do limoeiro?

**COZINHEIRO**

Isso é o que eu estava te perguntando.

**COZINHEIRA**

Se ela chega a descobrir que o fundo da casa não é o fundo...

**COZINHEIRO**

Ela não vai descobrir.

**COZINHEIRA**

Como você sabe?

**COZINHEIRO**

Tem um muro que esconde o fundo da casa. O único detalhe é que do muro escorre tinta.

**COZINHEIRA**

Sim, mas se ela se dá conta...

**COZINHEIRO**

Não sei porque você insiste nisso. O muro está bem feito, a realidade está bem escondida.

**COZINHEIRA**

Sim, mas se ela se dá conta de que atrás do muro do fundo...

**COZINHEIRO**

Cale-se! Estou farto desse assunto da parede do fundo. Por acaso você sabe o que há detrás da parede do fundo, atrás do muro que escorre tinta?

**COZINHEIRA**

Não, mas deve ser algo grande, não?

**COZINHEIRO**

E então? Por que você está fazendo esse papelão sobre o assunto da parede do fundo?

**COZINHEIRA**

Porque você nunca me disse o que havia atrás dessa parede.

**COZINHEIRO**

Não te contei para te proteger. E no final das contas, você é uma auxiliar de cozinha, e se não te contei é porque não te contei e ponto.

**COZINHEIRA**

O que é que tem lá?

**COZINHEIRO**

Não vou te contar (para fazer milanesas é preciso ter a carne cortada em fatias, o pão ralado, o ovo batido, a farinha...). Não vou te contar nem que me paguem (deve-se passar a carne na farinha até que a carne fique branca de tão enfarinhada) não vou te contar porque todos os cozinheiros temos segredos de cozinha (a carne ficará branca como se tivesse medo, mas a carne não deve ter medo, porque a carne com medo é dura e borrachuda). Só estou permitido te dizer que a borboleta é o fantasma da lagarta (por último, deve-se fritar as milanesas em óleo quente. Verá como a carne começa a escorrer sangue até que deixa de ser carne e se torna outra coisa).

## 13.

**VIZINHO**

Estão brigando?

**VIZINHA**

Não, eles não estão brigando. Eles nunca brigam porque são como uma seita.

**VIZINHO**

Seita?

**VIZINHA**

Sim, a irmandade dos coelhos em conserva ou algo do tipo.

**VIZINHO**

Nunca imaginei que a casa fosse tão esquisita por dentro.

**VIZINHA**

É que não é uma casa, é um frigorífico.

**VIZINHO**

Quem é essa moça que frita milanesas?

**VIZINHA**

Qual?

**VIZINHO**

Será que é a mãe da menina que está na banheira?

**VIZINHA**

Quê?

**VIZINHO**

E no limoeiro.

**VIZINHA**

Do que você está falando?

**VIZINHO**

E outra na sala.

**VIZINHA**

Você tem uma lógica tão ilógica.

**VIZINHO**

E tem tantos coelhos.

**VIZINHA**

É uma atmosfera rarefeita.

**VIZINHO**

Bem, para mim os coelhos não causam tanto efeito.

**VIZINHA**

Como que não causam efeito? São esquisitos! Se em vez de coelhos, fossem ursos, você diria que eles trabalham em um circo, já que você é tão pouco perspicaz. E se fossem zebras, hein?

**VIZINHO**

Bem, se estivéssemos na África seria normal.

**VIZINHA**

Na África, mas não aqui.

**VIZINHO**

Vamos embora, estou com medo.

**VIZINHA**

Nem um pio, você fica.

**VIZINHO**

É que eu tenho a sensação de que nos escutam.

**VIZINHA**

Não podem nos escutar.

**VIZINHO**

Quero ir embora.

**VIZINHA**

Você fica.

**VIZINHO**

Se eles descobrem que estamos aqui...

**VIZINHA**

Ninguém vai descobrir.

**VIZINHO**

Ah, meu Deus!

**VIZINHA**

Acalme-se.

**VIZINHO**

É que é um delito.

**VIZINHA**

Não é um delito. O que comete um delito é um delinquente e nós não somos delinquentes. Se aqui existem delinquentes, são eles.

**VIZINHO**

Eles não são delinquentes.

**VIZINHA**

De que lado você está?

**VIZINHO**

Deste lado.

**VIZINHA**

Exato, porque eu estou deste lado.

**VIZINHO**

Não, você está desse lado... O que foi isso?

**VIZINHA**

Estão disparando mas não são eles. Disparam de fora da casa.

**VIZINHO**

Não, não... disparam da tua garganta.

## 14.

**ELE**

A menina! O que fazem com a menina? (Agora a avó dará instruções para seguir as pegadas de meninas roubadas).

**ELA**

Instruções para seguir as pegadas de meninas roubadas:

Primeiro: Perceber um dia que não podemos sentir piedade. Esse é um bom sentimento, muito ocidental, mas pouco contemporâneo.

Segundo: Perceber um dia que se você já tentou mudar a vida com fúria, nunca mais deixará de tentá-lo.

Terceiro: Perceber uma tarde que o desaparecimento não aumenta nada do que você conhece. Neste ponto, você pode fazer a seguinte pergunta: “O que você quer ser quando ficar velha?”.

Resposta: “Velha”.

Quarto: Perceber uma noite que uma casa pode ser fuzilada, torturada, morta...

**ELE**

Quando você já tiver desaparecido, ficará a tua dor, e quando todos recordarmos tua dor, tua dor se materializará, se fará visível, e nós tomaremos café da manhã com sua dor, porque tua dor terá a forma de uma colher, e comeremos tua dor ao meio-dia, porque terá forma de arroz com feijão, e vestiremos tua dor à noite, porque ela terá forma de pijama. Se falo assim

da tua dor é porque tua dor é indescritível, e ainda assim tua dor existe, e a minha existe como se fosse a sombra da tua dor.

## 15.

**COZINHEIRO**

Sabe o que eu pensei?

**COZINHEIRA**

Não.

**COZINHEIRO**

Como vamos morrer assassinados... não sei se já te disse.

**COZINHEIRA**

Sim, e não gosto que você repita.

**COZINHEIRO**

Mas se é a verdade...

**COZINHEIRA**

Não gosto da verdade a todo momento. Não gosto que me estapeiem nas bochechas com a verdade. Enfie a verdade onde você achar melhor.

**COZINHEIRO**

Você tem medo da morte, por isso me insulta com tanto gosto.

**COZINHEIRA**

Você acha bonito andar dizendo a cada instante: vão nos matar, vão nos matar?

**COZINHEIRO**

O final tem que chegar de alguma forma, mas você tem que pensar de que forma chega até o final.

**COZINHEIRA**

Queria imaginar uma morte que não merecesse reprovação alguma. Queria bolinhos-de-chuva nesse momento...

## 16.

**ELE**

(Agora a avó dará instruções para que não esqueçamos de como se fuzilavam as casas).

**ELA**

As casas fuziladas são levadas a um paredão, colocam uma venda que tampe suas janelas e as cravejam com munição de todos os calibres. As casas ao lado dirão: “Não a matem! Não a matem!”. E, sem dar a mínima, disparam no coração da casa até que a casa fica no mais profundo silêncio.

**17.**

**VIZINHO**

Te falei para não virmos. Te falei que ficaríamos presos em tão lamentáveis incidentes.

**VIZINHA**

Sim, lamentáveis...

**VIZINHO**

Vamos, vamos embora daqui.

**VIZINHA**

Mas, para onde você quer ir?

**VIZINHO**

Para nossa casa.

**VIZINHA**

Por onde?

**VIZINHO**

Não sei, você que me trouxe.

**VIZINHA**

Você não se dá conta de que não se pode ser um vizinho normal depois disso? Como sair disso, como voltar para casa, para nossa casa?

**18.**

**ELE**

(Agora ela falará dos primeiros disparos)

**ELA**

Não escutei os primeiros disparos. Só escutei que as tílias caíam. Só isso.

## 19.

**COZINHEIRO**

Estão atirando.

**COZINHEIRA**

Não gosto da ideia de morrer desintegrada por uma bomba.

**COZINHEIRO**

Como gostaria de acreditar em Deus nesse momento... Epa! Essa passou perto.

**COZINHEIRA**

Morrer desintegrada é repugnante, com todas minhas partes estilhaçadas. Que triste não voltar a ser indivisível. Acabam de te atingir com um tiro na cara.

**COZINHEIRO**

Sim, mas a boca ainda tenho intacta. Me dá um pouco de curau, por favor.

**COZINHEIRA**

Epa! Esse acaba de me atingir na perna.

**COZINHEIRO**

O que faz a avó cega embaixo do limoeiro cego?

## 20.

**ELA**

A menina crescia junto ao limoeiro, entre os estalos das tílias, as paredes crivadas, as janelas que estouram a cada segundo. A menina era menina, e o limoeiro era menino, enquanto as tílias caíam mortas com desespero: detesto essa gente que fuzila uma casa, assassina e rouba. E a detesto em dobro, porque assassinam impunemente e porque desde então nunca pude suportar o cheiro das tílias.

## 21.

**COZINHEIRO**

Está no pátio e caminha para o fundo.

**COZINHEIRA**

Sim, mas não até a parede do fundo, mas ao limoeiro que está antes do muro.

**22.**

**ELA**

Ainda que o limoeiro cresça, continuará sendo limoeiro. Ainda que a menina cresça, continuará sendo menina.

**23.**

**COZINHEIRO**

Fala sozinha?

**COZINHEIRA**

Não, fala com a menina.

**COZINHEIRO**

Mas se a menina não está...

**COZINHEIRA**

E você sabe? Esta casa não tem uma ordem cronológica.

**COZINHEIRO**

Isso é terrível, se descobre sobre os fundos, nos fodemos.

**COZINHEIRA**

O que faremos?

**COZINHEIRO**

Dissimular.

**COZINHEIRA**

Dissimulemos.

*Pausa.*

**COZINHEIRO**

Olha pra mim. Estou mal?

**COZINHEIRA**

Tá vendo como voam as coisas ao redor? Neste momento queria crer em milagres e comer bolinhos-de-chuva.

**COZINHEIRO**

Olha pra mim. Estou mal?

**COZINHEIRA**

Você está mal, sim. Tem um buraco no peito, mas de semblante está bem. Quer que eu prepare uns pastéis de vento?

**COZINHEIRO**

Que esquisito, você tem tantos buracos. Pizzas com anchovas e azeitonas, por favor.

**COZINHEIRA**

Olha como arrebetam as paredes.

**COZINHEIRO**

Você se lembra de quando cantávamos?

**COZINHEIRA**

Não.

**COZINHEIRO**

Quando íamos pro rio no verão, fazíamos churrasco e depois cantávamos.

**COZINHEIRA**

Sim, mas não me lembro.

**COZINHEIRO**

Mas você tem que lembrar disso!

**COZINHEIRA**

Não me lembro disso, não quero lembrar disso, e no mais, já não posso me lembrar de nada. O salmão tem ômega 3, disso eu me lembro.

**COZINHEIRO**

Os assassinos do cozinheiro Farias...

**COZINHEIRA**

Quê?

**COZINHEIRO**

Esses caras que gritam lá fora são os assassinos do cozinheiro Farias.

**COZINHEIRA**

Já não quero que falemos, só quero que nos limitemos a ver como voam as coisas ao nosso redor. Queijo de coalho, biscoitos e doce de leite, que menu. Acabam de te dar um tiro na testa.

**COZINHEIRO**

Todo mundo acredita que aí estão as ideias, mas as ideias estão disseminadas no corpo. Isso é assim para que quando você estiver triste e tiver a tentação de tirar essas ideias da cabeça, não possa fazê-lo.

**COZINHEIRA**

O bom de morrer com esta idade é que ainda temos esperanças.

**COZINHEIRO**

Acabam de arrancar seu ombro esquerdo.

**COZINHEIRA**

Sim, eu sei, mas não me diga. Não quero que você me diga algo que eu já sei.

**COZINHEIRO**

Sim, está certo. Mas é que você parece tão esquisita sem o ombro esquerdo.

**COZINHEIRA**

Não entendo. Se nós já estamos mortos, porque continuam disparando contra a casa?

**COZINHEIRO**

É que também querem matá-la.

**COZINHEIRA**

Você se lembra de quando contávamos piadas?

**COZINHEIRO**

Sim.

**COZINHEIRA**

O bom é que tudo vai melhorar porque pior não pode ficar.

*Riem sem muita vontade.*

**COZINHEIRO**

As pessoas que se suicidam disparam um tiro na cabeça para fazerem um buraco através do qual possamos ver toda a tristeza que possuem dentro.

*Riem mecanicamente.*

**COZINHEIRA**

Ressuscitou entre os mortos, foi até a banca, comprou um jornal e voltou à sua tumba para ler sobre as catástrofes do mundo.

*Riem tristemente.*

**COZINHEIRO**

Os coelhos tem alma... mas de pelúcia.

**COZINHEIRA**

Salve um coelho, faça-o feliz e ele não morde a sua mão. Esta é a principal diferença entre um coelho e um corrupto.

**COZINHEIRO**

No exército conheci um tenente que era corrupto. Ele pertencia à inteligência militar. Existe esse ramo do saber?

**COZINHEIRA**

Por que devemos acreditar na ética? Por acaso a ética acredita em nós?

**COZINHEIRO**

Um dilema ético: matar ou deixar-se matar para que não te matem. Não sei se fui claro, politicamente claro.

**COZINHEIRA**

Havia um político que enquanto não falava parecia inteligente, e que quando falava, desfazia qualquer dúvida.

*Riem amargamente.*

**COZINHEIRO**

A rua é uma sucessão de vizinhos.

**COZINHEIRA**

E a vida uma sucessão de piadas sem graça.

**COZINHEIRO**

Estão nos matando, mas não deixaremos de rir.

**COZINHEIRA**

Ele bateu na porta dela, entrou, a viu sorrindo e seu medo de que ela morresse desapareceu. Estamos mortos?

**COZINHEIRO**

Não.

**COZINHEIRA**

Estamos vivos?

**COZINHEIRO**

Não.

**COZINHEIRA**

Então, o que estamos?

**COZINHEIRO**

Contando piadas sem graça e falando de comida. Destruíram o muro que escorre tinta.

**COZINHEIRA**

Eu sei porque escorre tinta do muro do fundo. Porque atrás está a gráfica. E você sabe o que há dentro de uma gráfica?

**COZINHEIRO**

Não, me conte, por favor...

**COZINHEIRA**

Nem que me paguem vou te contar!

**COZINHEIRO**

Ah!

**COZINHEIRA**

E a menina?

**COZINHEIRO**

No ar.

**COZINHEIRA**

E a avó?

**COZINHEIRO**

Abraçando o ar.

## 24.

**ELE**

Agora a avó dará as últimas instruções para abraçar o ar.

**ELA**

Soube que era ela porque ela estava no ar e ainda que dizer ela não faça com que seja ela, quando o ar cheira a limão, o ar se torna ela. Ele volta do trabalho, e sente-se cansado como se tocar violoncelo fosse como cortar árvores e eu lhe digo “Uma menina que caminha no ar é o ar, sabia?”. Tenho um método para abraçar o ar. Primeiro, é preciso uma profunda ausência. Uma ausência contém uma quantidade variável, mas limitada de membros; a ausência tem bracinhos que cobrem os olhos para não ver o horror, assim, dessa maneira, tem uma cabeça que não perdoa, uns pés que se movem assim, como se estivessem revolvendo algo que ninguém sabe o que é, tem um limoeiro como membro periférico, cuja função é perfumá-la com sua raiva. Ela está sentadinha com uma bonequinha de plástico que está dentro de uma casinha que está doente e que por sua vez está dentro de uma casa

que está doente e esta casa está dentro de uma cidade que também está doente, e todos dentro de um país pavorosamente doente e que ninguém pode curar, porque ninguém sabe do que se trata a doença; então eu, como sou mulher e sinto compaixão pelos doentes e fui treinada em doenças incuráveis, fecho meus olhos, é importante essa ação, e percebo como o vento balança um violoncelo que acredita ser árvore e compreendo a relação entre a brisa, a árvore e o violoncelo, estendo meus braços, é importante não esperar nada deste gesto, não apressar-se, tensionar ligeiramente o tronco para esperar com firmeza que o vento dos afetos que vem do ar não nos derrube, assim, então sinto uma maré de lembranças que me aprisionam, me sustento com firmeza sobre minhas pernas cada vez mais velhas e mais cegas, minhas pernas avós de outras terras, minhas pernas mastros de outros barcos cravadas na terra para aguentar os solavancos de ter que abraçar ausências, e assim, nesta posição que não tem nenhuma função específica, espero, então ela aparece, se olha em mim, me abraça, e no momento em que ela me abraça, se torna mais real que eu.

**25.**

**ELE**

Me dá sua mão.

**ELA**

O quê?

**ELE**

Me dá sua mão.

**ELA**

Sim.

*Pausa. Eles se dão as mãos.*

**ELE**

Todas as noites, ela e eu, de mãos dadas, depois de vagar por lugares de dor, chegamos a nossa cama e dormimos, e subitamente despertamos em um outro sonho e entre sonhos ela me diz.

**ELA**

Assim é melhor.

**ELE**

Sim, assim é melhor.

FIM